

Amadeu Amaral e a importância do método na pesquisa folclórica

Ana Cristina Marinho Lúcio*

No ano de 1994 tive a oportunidade de conhecer o acervo Amadeu Amaral que se encontra, junto com a coleção Paulo Duarte, no Arquivo Central da UNICAMP. O contato com a obra do escritor e jornalista só foi possível graças às indicações da professora Maria Ignez Novais Ayala, coordenadora do projeto integrado *Representação do Oprimido na Literatura Brasileira*, desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba.

Durante os meses de janeiro e fevereiro daquele ano me dediquei sobre os artigos, cartas, bilhetes e manuscritos de Amadeu Amaral. O acervo, inicialmente organizado pelo próprio Paulo Duarte, estava sendo reorganizado pelos funcionários do Centro de Informação e Difusão Cultural, daquela instituição. A Coleção Amadeu Amaral é composta pela seguinte documentação: correspondência, produção intelectual, produção de terceiros e homenagens póstumas.

No capítulo *Produção intelectual* encontram-se versos, parlendas, sambas, modas caipiras, superstições e ditados populares, enviados por correspondentes ou colhidos pelo próprio Amadeu Amaral, em cidades do interior de São Paulo. Uma parte deste rico material já foi analisada pelo próprio escritor nos seus artigos sobre o folclore, publicados no jornal *O Estado* e depois reunidos em livro por Paulo Duarte.

Neste estudo que começo a desenvolver me deterei, mais especificamente, nas preocupações metodológicas do escritor com relação aos estudos folclóricos que se desenvolveram no Brasil, a partir de meados do século XIX e início deste século. Procurei saber o que se discutia naquela época, quais os autores lidos, as teorias adotadas e a aplicação destas na pesquisa folclórica. Compartilho da opinião de Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala quando afirmam que desde a coleta até a interpretação final, os estudos sobre a cultura popular são direcionados pelas perspectivas teórico-metodológicas adotadas pelo pesquisador¹. Este ensaio se desenvolve nesta perspectiva, tentando percorrer alguns caminhos trilhados por Amadeu Amaral no desenvolvimento de uma metodologia voltada para o estudo da cultura popular.

* Doutoranda em Literatura Brasileira na UFPB.

¹ AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 1987, p. 55.

1. “Um bando de idéias novas”: a *sciencia* ao final do século XIX e início do século XX

A intelectualidade brasileira que viveu as últimas três décadas do século XIX procurou equilibrar-se entre a adoção de teorias raciológicas, deterministas e evolucionistas, e a necessidade de mergulhar na busca de uma identidade nacional. Segundo José Leonardo do Nascimento, havia naquele fim de século uma “crença nas virtudes da ciência e que se compõe com outra já assinalada, a da necessidade imperiosa de captar a particularidade da história do país.”²

O estudo das nossas tradições fornecia algumas pistas para esta busca de uma identidade brasileira, mas levava também a uma contradição: o que era nosso aparecia, aos olhos da nossa elite pensante, como “diferente”, pertencente a um outro universo. É difícil imaginar a relação que se estabelecia entre os folcloristas e os poetas, narradores populares e artesãos, já que estava mediada pela busca de conhecimento da realidade brasileira e pela necessidade de dar aos estudos um caráter científico, tomando por base as teorias acima mencionadas. A relação entre “nós” e os “outros” se estabelecia tanto nos encontros entre brasileiros e estrangeiros quanto naqueles entre brasileiros (letrados, “civilizados”, brancos...) e brasileiros (negros ou mestiços, iletrados, interioranos...).

Para toda a geração científicista, a nacionalidade brasileira é sensivelmente marcada pela heterogeneidade não-funcional de seus elementos constitutivos e pelo atraso em face de nações uniformes e coerentemente constituídas.³

A preocupação em desvendar as particularidades nacionais não impediu que homens como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e José Veríssimo, entre outros, adaptassem as teorias estrangeiras, a exemplo do darwinismo social, do evolucionismo e do positivismo, ao caso brasileiro. Toda esta geração estava preocupada em superar a ficção romântica do indianismo através do rigor científico.

Para Lilia M. Schwarcz, as elites intelectuais locais consumiram as teorias raciais e as adotaram de forma bastante original⁴. Do darwinismo social adotou-

² NASCIMENTO, José Leonardo do. “Cultura européia e realidade brasileira, um debate do final do século XIX.” In: SOUZA, Eliana Maria de Melo (org.). *Cultura brasileira, figuras da alteridade*. São Paulo: Hucitec, 1996, p.37.

³ Idem, p. 43

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo da raça: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

se a hierarquia das raças; do evolucionismo, a noção de que as raças humanas estavam em constante movimento (sinônimo de aperfeiçoamento). Deste casamento resultaram posições como a de Sílvio Romero que apostava todas as suas esperanças de superação do atraso brasileiro na miscigenação.

Este foi também um momento de embate entre literatura e ciências sociais. Os cientistas exigiam que os textos fossem escritos com base em dados comprovados, em oposição aos escritos literários que estavam mais voltados para a descrição do que para a análise. Iniciava-se o primado da pesquisa e da investigação. Não é por acaso que o final do século XIX ficou conhecido como a “era dos museus”. No Brasil apareceram os museus e Institutos Históricos e Geográficos que, durante muito tempo, foram os responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa no país.

Muito embalados pelos estudos antropológicos desenvolvidos na Europa, nossos estudiosos adotaram a palavra de ordem “salvar antes que seja tarde”⁵. Imperava a idéia de que a cultura dos povos *primitivos*, ou daqueles que viviam em estágios de desenvolvimento *inferior*, se extingiria, ficando os seus *vestígios* mais bem preservados nos museus metropolitanos. Muito semelhante aos folcloristas e suas coleções de “esquisitices populares”⁶. Será que estes “coleccionadores de relíquias”⁷ da mentalidade popular acreditavam, junto com os naturalistas e evolucionistas brasileiros, que o processo de miscigenação faria desaparecer a cultura popular, influenciada pelos negros e índios? Estaríamos diante de uma aplicação das teorias raciológicas aos estudos folclóricos? Para responder a estas indagações seria necessário um estudo mais cuidadoso da produção dos autores brasileiros do final do século passado e início deste. A intenção aqui era de apenas fornecer um panorama do clima intelectual do qual fez parte Amadeu Amaral. E também de nos ajudar a compreender porque o escritor preocupava-se em dar aos estudos folclóricos um caráter de cientificidade. Ainda poderemos saber até onde ele avança nas suas propostas e onde apenas compartilha das indagações e caminhos tomados pelos seus contemporâneos.

⁵ Um análise sobre as conseqüências desta atitude para os estudos sobre cultura popular encontra-se no livro de Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala, e também no livro de Renato Ortiz, *Cultura popular: românticos e folcloristas*.

⁶ AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. Est. Introd. Paulo Duarte. São Paulo: Hucitec, 1976.

⁷ Idem.

2. Amadeu Amaral: a favor do método e contra os “caçadores de esquisitices populares”

O desenvolvimento da antropologia e da sociologia contribuiu, nos últimos trinta anos do século passado, para o aprimoramento das pesquisas sobre o folclore. Os folcloristas se preocupavam em dar uma aparência de cientificidade às suas pesquisas. É possível perceber nos trabalhos de Celso de Magalhães, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Couto de Magalhães e do próprio Amadeu Amaral, a influência das indicações metodológicas de estudiosos franceses tais como: Paul Sebillot, Saintyves, Henri Gaidoz e Arnold Van Gennep.

Apesar desta preocupação com o caráter científico das investigações, a maioria dos nossos folcloristas era constituída por *coletores de curiosidades* e por *estudiosos de gabinete*, situação esta denunciada repetidas vezes por Amadeu Amaral, nos seus ensaios publicados ainda nas duas primeiras décadas deste século.

(...) Amadeu Amaral viveu e representa o terceiro e grande momento na história do folclore brasileiro. Aquele, exatamente, em que o grau de maturidade estimulava desenvolvimentos definitivos no sentido da investigação científica, e favorecia uma compreensão mais adequada da função do folclore, seja como forma de conhecimento científico, seja como técnica racional de “autoconsciência” da realidade brasileira.⁸

A geração de Sílvio Romero via no estudo do folclore uma maneira de conhecer o povo brasileiro. Amaral compactuava com esta posição dos folcloristas mas fazia críticas aos estudos que se detinham na construção de esquemas gerais, faltando-lhes a riqueza dos dados obtidos através da pesquisa de campo. Acreditava que as composições populares poderiam ser úteis no estudo da formação étnica das nossas populações e da sua mentalidade. No folclore o povo mostra-se “sem reservas e sem simulações, deixa-se surpreender inteiro, alma, coração, instintos, tendências, - crenças, aspirações, preconceitos.”⁹

Para Amadeu Amaral, estes estudos eram feitos de duas formas: por “mero diletantismo ou passatempo, sem objetivo, sem método ou seguimento”, ou por “simples literatura”. Aqueles que se voltavam para o estudo das criações populares eram atraídos por uma admiração romântica ou para glorificar os seus conterrâneos. Semelhantes estudos resultavam em “preconceitos estéticos, sentimentos bairristas ou patrióticos”.

⁸ FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. 117.

⁹ AMARAL, Amadeu, op.cit., p.121.

Na verdade vive-se em pleno e caótico empirismo: não há separação entre o subjetivo e o objetivo, entre a impressão pessoal e a verificação metódica; não há conhecimento regular, não há organização de aquisições¹⁰.

Esta preocupação com o rigor científico da pesquisa pode nos parecer hoje um pouco exagerada. Mas, no início deste século, as pesquisas folclóricas eram feitas se forma bastante esparsa e sem método. Hoje encontramos manuais que ensinam os passos a serem seguidos durante as pesquisas antropológicas, ou mesmo folclóricas. Formam-se pesquisadores como robôs de uma fábrica de montagem. Corremos o risco de colocar versos ou narrativas populares em moldes estabelecidos por um pesquisador que, baseado em algumas evidências, acredita ter encontrado a lei da criação popular. No começo deste século a discussão em torno de algumas regras básicas para a pesquisa folclórica parece-nos pertinente. Hoje talvez estejamos precisando de pesquisadores com a sensibilidade de Amadeu Amaral que contribuiu imensamente para o estudo da cultura popular, principalmente com as suas preocupações sobre os contextos de produção.

Amaral também denunciava o “excesso de teorizações imaginosas e precoces”, fruto da falta de rigor científico das pesquisas. Criticava a precipitação de muitos estudiosos do vocabulário (em São Paulo) em tudo classificar como de origem tupi. Nestes trabalhos as teorizações eram feitas tomando por base uma pequena quantidade de materiais, colhidos sem o menor critério.

Tratemos, antes de tudo, de observar seriamente, pacientemente, os costumes, ritos e usanças do povo, sua linguagem, sua música, a vida dos núcleos populosos urbanos e rurais e das populações esparsas, coletando com o mais rigoroso cuidado expressões tradicionais e coletivas ligadas a tais costumes, ritos, usanças, etc. Marquem-se escrupulosamente as regiões, os lugares, as épocas em que foram colhidos esses materiais; respeite-se-lhes a forma tal qual ela se oferece, com suas variantes; ajuntem-se-lhes quando possível as idéias, crenças e práticas que os motivaram, que os acompanham e os explicam.¹¹

Só depois deste trabalho é que seriam possíveis as generalizações e teorizações. Desta citação podemos ainda perceber que a sua observação estende-se também para os centros urbanos, diferentemente de muitos estudiosos que acreditavam na “sobrevivência” da cultura popular nas zonas rurais, distantes dos centros e esquecidas no interior do país.

¹⁰ *Idem, ibidem.*

¹¹ *Idem, ibidem, p. 9.*

Numa época em que os folcloristas estavam interessados em formar coleções de *reliquias do povo*, Amaral já alertava para a necessidade de contextualizar os materiais coletados: “Esses materiais são inseparáveis, dos usos e costumes: impossível explicar completamente a poesia da roça, sem a música, a dança e os hábitos de trabalho da roça, que com ela nascem e com ela evoluem, formando um todo psicológico indissolúvel.”¹²

Quando analisa a poesia popular faz uma crítica ao interesse dos estudiosos apenas pelos “restos arcaicos de velhas importações lentamente naufragadas na memória do nosso povo”. Considerava as adaptações dos versos populares, ao seu tempo e aos lugares, como um fator de reconhecimento do seu caráter popular: aquilo que se renova e modifica, se adapta e *moderniza* é fruto da tradição oral, do que passa pela voz e pela memória.

Para impedir o diletantismo e as pesquisas feitas sem qualquer critério científico, sugere a criação de um centro autorizado que faria a triagem dos materiais, criticando ou incentivando aqueles que melhor se apresentassem. Muito ao gosto da época, compactuava com a idéia de se criar uma “sociedade demológica” em São Paulo. Para a criação deste centro de estudos seria necessário, antes de mais nada, definir os domínios do folclore enquanto ciência.

Apoiado nos estudos de Van Gennep e Paul Sebillot, Amadeu Amaral propõe uma série de tarefas e cuidados metodológicos que deviam ser seguidos pelos estudiosos da “mentalidade popular”. Os correspondentes deveriam restringir-se à sua área geográfica, esclarecendo, com o máximo de fidelidade possível, as circunstâncias de lugar e de tempo. Na impossibilidade de acesso aos originais ou exemplares dos materiais, sugeria que fossem feitas fotografias ou desenhos.

Para que este trabalho possa valer alguma coisa, como verdadeiro inquérito à mentalidade popular numa região, é necessário que os coletores arrolhem a própria fantasia, deem fora toda preocupação de completar e corrigir, e reproduzam com fidelidade e simplicidade, não esquecendo de indicar os lugares, os meios, e, sendo possível, quando se servirem de um informante, a idade, o sexo, a condição social das pessoas ouvidas. É assim que se procede em toda parte.¹³

Depois da coleta do material recomenda que se façam cartas geográficas, com sua localização precisa e divisão por temas. Em muitos dos seus escritos é possível perceber a influência dos autores franceses outrora mencionados, principalmente quanto à adoção do método histórico-comparativo.

¹² *Idem, ibidem*, p. 10.

¹³ *Idem, ibidem*, p.46

Amadeu Amaral percebia o folclore como algo dinâmico e complexo, em constante transformação, opondo-se àqueles que o viam como algo cristalizado. Por esta razão advogava uma orientação metodológica específica para o seu estudo. Considerando-se apenas um amador, nos deixou uma enorme contribuição, principalmente quando menciona a importância de considerar o folclore em função do contexto social e cultural. Esta visão contextualizada, segundo ele, só seria possível após uma extensa pesquisa de campo. O diálogo com a sua obra, suas críticas aos “incoercíveis teorizantes”, servem de alerta, ainda hoje, aos que, movidos pela necessidade de tudo querer classificar, nomear, catalogar, esquecem do sentido que tem a cultura popular para aqueles que a fazem.